



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 07 – Ano IV – 05/2015
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Inserção dos materiais didáticos em ação educativa de museus: usos e funções

Laércio Carlos Ribeiro dos Santos Maus

Doutorando em Design e Arquitetura pela Universidade de São Paulo - USP - Brasil

<http://lattes.cnpq.br/9656537191921426>

E-mail: laercio@ufsj.edu.br

Resumo: Com o intuito de tornar o museu mais próximo da sociedade, as Ações Educativas têm criado e utilizado materiais educativos próprios em suas atividades. Neste artigo foram pesquisados diversos materiais educativos buscando-se compreender suas finalidades. Assim, descobriu-se que eles têm sido utilizados de três formas: para explicar o museu, para esclarecer sobre exposições e para serem utilizados fora do museu. Deste modo conseguindo cumprir com sua função educativa e aproximar o público.

Palavras-chave: Museus. Ação educativa. Materiais didáticos.

Educação em museus

Em toda a sua existência, o conceito de museu nunca foi dissociado de sua função social e educativa, mas na atualidade a educação tem importância

fundamental. E essa função tem sido reconhecida como o centro de funcionamento do museu.

O caráter educativo dos museus se relaciona com aspectos fundamentais, tais como: a ação educativa, a interatividade, o contato e a comunicação com o visitante, a mediação entre público e o conhecimento, a formação do público e do profissional de arte e de museus entre outros (SILVA, 2008, p. 59).

Chagas (2002), ao fazer distinção entre a dimensão e a função do museu, entende que a dimensão refere-se à medida, extensão, volume, grau de potência, qualidade, e que isso se refere à educação e ao lazer característico de determinados museus. Já a função educativa está ligada com três funções básicas de todo museu: preservação, investigação e comunicação. Sendo todas essas funções conectadas à educação, tudo isso é realizado por forças sociais, políticas e econômicas. Para o autor, o uso da expressão “dimensão educativa museal” é mais precisa que “função educativa dos museus”. Com isso, ele estabelece um novo paradigma entre os termos função e dimensão.

Assim, a dimensão educativa deve ser considerada numa perspectiva que dialoga e abre alternativas nos museus. Uma característica fundamental no museu tradicional não é apenas a existência ou não de uma coleção, mas sim do tipo de relação que os participantes do processo museal estabelecem entre si.

Do mesmo modo, a educação e cultura em suas práticas são indissociáveis, bem como não se pode separar a memória da ação educativa. Esse ponto de vista enfatiza a compreensão de que “nem a educação é exclusividade das instituições de ensino, nem a memória é exclusividade das denominadas instituições de memória (arquivos, bibliotecas e museus)” (CHAGAS, 2002, p. 52).

Ainda para o autor “os museus vinculam-se às redes formal e não-formal de ensino, através de práticas educativas e culturais que desenvolvem” (CHAGAS, 2002, p. 56). E também: eles constituem para algumas instituições de ensino um “moderno” e “recomendável” programa de desejo.

Alguns museus têm na atualidade se preocupado efetivamente com a inserção e formação de seus públicos. Eles optam por atividades que se diferenciam das oferecidas nas escolas. Com isso, buscam interagir com o público por meio da educação não formal. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), educação não formal é um tipo de educação

ministrada sem se ater a uma sequência gradual, não leva a graus nem títulos e se realiza fora do sistema de educação formal e em forma complementar, além de se caracterizar por atividades ou programas organizados fora do sistema regular de ensino com objetivos educacionais bem definidos, ou ainda, por processos de formação que acontecem fora do sistema de ensino das escolas e universidades.

Para Gohn (2006), a educação não formal é um processo de várias dimensões:

a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (p. 28)

De acordo com Silva (2008), o museu como uma instituição essencialmente educativa oferece a educação não formal e esta tem seu lugar nas atividades da denominada ação educativa, que se apresenta como intermediadora do processo de ensino-aprendizagem.

Ensino de Artes nos museus

Considera-se que o ensino de Artes em museus é um componente essencial para a arte-educação, pois ela pode assumir os mais diversos significados em todas suas dimensões. Como conhecimento, ela oferece compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura (OTT, 1997).

Por meio dessa prática educativa em museus podem ser reveladas diversas formas de expressão artística que contêm muitas das maiores ideias da cultura universal, cujos significados de arte são contribuições relevantes para a sociedade. (OTT, 1997, p. 111)

Portanto, esses conceitos devem ser ensinados por meio de um ensino sensível, por meio de uma arte-educação que ofereça dentro do espaço dos museus uma atmosfera que possibilite a crítica.

Para Ott (1997), ensinar crítica dentro dos museus oferece a possibilidade de uma educação artística que desenvolva nos alunos a aprendizagem, percepção e compreensão da arte como expressão de valores e crenças da civilização.

Segundo Silva (2008, p. 5), o museu é uma instituição que se dedica a adquirir, conservar, investigar, difundir e expor obras de arte e possui a educação como uma de suas principais funções no processo de divulgação da produção cultural da humanidade. Para que isso ocorra de forma eficiente, são elaboradas políticas educativas voltadas às escolas, principalmente voltadas à educação básica. Segundo Bourdieu (1998),

A existência de uma ligação tão forte entre instrução e a frequência a museus mostra que só a escola pode criar (ou desenvolver segundo o caso) a aspiração à cultura, mesmo a cultura menos escolar. (p. 60)

Para Silva (2008, p. 15), é por intermédio do museu que o aluno tem a oportunidade de não só conhecer a obra de arte como também inserir-se nesse espaço enquanto público. O contato direto com a obra de arte é insubstituível e diferente do contato com imagens impressas ou em projeções, que se constituem nas formas como são apreciadas as obras de artes na escola. Além disso, aproximar o aluno desse espaço é uma estratégia válida para criar o hábito que poderá levá-lo a constituir o público no futuro.

Portanto, segundo Silva (2003), educar no museu não é apenas mostrar ao público obras de arte ou passar uma série de informações sobre obras e artistas. Mas, sim, oferecer vivências sensibilizadoras por meio de sua ação educativa para que, futuramente, caso o indivíduo considere necessário, sejam oferecidas todas as informações para satisfazer sua curiosidade e esclarecer suas dúvidas, aumentando ainda mais sua sede de conhecimento.

Para Antolino (2009), sem projetos e parcerias de natureza educacional, a frequência nos museus acontece apenas com público com maior escolaridade, pois os frequentadores das classes mais baixas ainda não enxergam o museu como um espaço de cultura que possam frequentar. Sobre isso, Bourdieu (2007) conclui:

A existência de uma relação tão forte entre o nível de instrução e a prática cultural não deve dissimular que, considerando os pressupostos implícitos que a comandam, a ação educativa do sistema escolar tradicional só pode alcançar toda sua eficácia enquanto se exercer sobre indivíduos

previamente dotados, pela educação familiar, de uma certa familiaridade com o mundo da arte: daí, segue-se que a ação da Escola – exercida de forma bastante desigual (nem que fosse no que diz respeito à duração) sobre as crianças oriundas das diferentes classes sociais e que não é bem-sucedida senão de forma bastante desigual junto àqueles que ela atinge – tende a reduplicar e consagrar, por suas sanções, as desigualdades iniciais diante da cultura. (p. 54)

De acordo com Silva (2008), ainda que sejam divulgadas as obras de arte, os museus permanecem pouco conhecidos do grande público e têm seu acesso restrito a um pequeno grupo da sociedade.

Frente a essa relação entre instituição, público e museu, deve-se pensar no setor educativo dentro das instituições, pois quanto mais cedo ocorrer o início das visitas e o contato com as obras de arte, melhores serão os resultados em longo prazo. “Um setor educativo atuante e bem preparado saberá dar legibilidade a uma obra de arte até para os menos preparados” (ANTOLINO, 2009, p. 8).

Segundo Ott (1997), o museu é o lugar ideal para se selecionarem conteúdos de arte que levam ao conhecimento e ao entendimento. E ativar o entusiasmo e o conhecimento que a arte pode oferecer aos alunos da atualidade é um desafio que diz respeito aos educadores.

O museu ainda permanece como o lugar, a fonte, onde a sociedade coleciona e cuida de seus tesouros. As obras de arte nos museus são geralmente de valor estético tão alto, e contêm tantos princípios estéticos que o ensino de crítica nos museus pode ser feito imediatamente, e a arte torna-se uma das maiores fontes de inspiração por meio do conteúdo e do conhecimento que ela proporciona. (OTT, 1997, p. 113)

Thistlewood (1997) afirma que existem dois caminhos para encorajar a frequência aos museus de arte. Mas qualquer que seja a escolha é inevitável a responsabilidade educacional. Para o autor, o museu deve popularizar sua oferta e atrair as pessoas ou colocar as exposições em locais públicos.

Mas também faz uma crítica quanto a sua preocupação com os números, ao afirmar que museus de arte estão mais focados em sua popularidade, pensando apenas no número de visitantes. Assim investindo apenas no ato de ver e pouco no informar.

Para que isso não ocorra, é necessário que os museus tenham projetos educacionais bem estruturados. Isso significa que eles devem ser constantes, pois ações isoladas não garantem que o público se aproxime realmente dos museus.

“Isso implica que os museus têm sólidas e constantes propostas educacionais (em vez de ocasionais e passivas), mas enfrentam resistências das mais poderosas convenções” (THISTLEWOOD, 1997, p. 145).

Ainda para Thistlewood (1997), essa aproximação com a arte deve ser feita de maneira bem planejada. Além de apresentar um movimento artístico ou a obra de um artista, deve-se respeitar o repertório que o aluno ou frequentador já possui, para que ele possa fazer correlações com a sua realidade.

Desta forma o museu não é uma instituição em que os estudantes, ou qualquer outro frequentador, devam ser displicentemente introduzidos, tendo em vista que é impossível não levar em consideração seu conteúdo cultural. A inserção do público no museu de arte bem como as obras deste devem ser bem orientadas, ou seja, necessita de instrução. “A tutoria necessária [...] o que enfaticamente se exige na educação de 1º e 2º graus é a recepção ativa da História da Arte” (THISTLEWOOD, 1997, p. 146-147).

Ação educativa

A fim de garantir uma de suas finalidades, que é a educação, os museus têm criado setores educativos. Esse departamento visa a receber seus visitantes e até mesmo a pensar o modo como seleciona e apresenta suas coleções permanentes, bem como as exposições temporárias.

Barbosa (1989), ao discutir a relação entre o arte-educador e o curador, conclui que ambos têm o mesmo objetivo: “alcançar a melhor organização estética para as exposições, tornando-as, o máximo possível, acessíveis ao público” (p. 125). Por isso, a qualidade estética e a acessibilidade são fundamentais e orientam o trabalho do curador e do arte-educador no museu. Mas a importância do arte-educador vai além, é ele quem ajuda o espectador a encontrar o seu caminho interpretativo, e para isso não deve impor a visão do curador.

Ainda sobre esse tema, Segall (2001) entende que o museu deve ter uma nova atitude frente ao papel que tem na atualidade, não apenas limitando-se às suas funções básicas.

Seria preciso imaginar museus regidos por uma Museologia com forte tônica educativa, em vez das “ditaduras” das curadorias. Museus orientados por uma política cultural em que educar não é apêndice, mas sim preocupação central e, sobretudo, que essa preocupação esteja dialeticamente inserida na instituição, sem se limitar a uma atividade pedagógica formal (visitas guiadas, cursos, vídeos etc.), assumindo uma postura sensibilizadora e, portanto, conscientizadora. (SEGALL, 2001, p. 62)

Por consequência, o museu pode ser visto como um espaço de sensibilização, que permite novas e diversas relações entre o objeto e o público, criando-se novas conexões. A arte, dessa maneira, coloca-se como uma alternativa para a aquisição de conhecimento e de conscientização do ser humano, de seu potencial, de sua comunidade, contribuindo para que ele adquira o seu direito à cidadania (SILVA, 2003).

É de competência do setor educativo compreender o objeto exposto, sua manifestação cultural, e, a partir disso, questionar para comparar e para estabelecer relações entre o velho e o novo, entre arte e ciência, entre uma cultura e outra, fazendo a ligação entre objetos e a realidade do aluno, potencializando, assim, o patrimônio cultural como um vetor de produção de conhecimento.

Por isso, torna-se necessário reavaliar as técnicas adotadas nos programas aplicados com as escolas, a fim de se transporem as questões burocráticas, as limitações de tempo, a ânsia por mostrar, com uma postura extremamente instrucionista, toda a coleção do museu. Mais que se tornar divulgado e conhecido, o museu deve ser vivido e compreendido como um local em que a tradição pode ser conhecida, percebida, questionada e reinventada, incentivando também a criação de novas metodologias (ANTOLINO, 2009).

A utilização do museu como espaço de educação vem de longa data. O *Victoria and Albert Museum* é o primeiro museu a idealizar a relação entre a escola e a arte, criando a função do arte-educador em 1852. Nesse espaço composto por museu e escola de arte, mostra-se como elas se relacionam na sociedade. Nesse local, o fazer artístico em ateliês de arte se combinam com o estudo das obras de arte abrigadas no espaço do museu (OTT, 1997; BARBOSA, 1989).

De acordo com Ott (1997), os estudantes de arte de Henry Cole – primeiro diretor do museu – foram os primeiros a constituírem o setor educativo do *Victoria and Albert Museum*. Os estudantes eram levados das oficinas diretamente para os

espaços expositivos. Em seus relatórios, ele refletiu sobre o modelo de educação dentro do museu e concluiu:

O museu tem como intenção voltar-se o máximo possível à preservação dos objetos, os quais não serão apenas tomados em seu aspecto físico, e sim tratados enquanto objetos de estudo e ensinamentos. Da minha parte, arrisco a pensar que quanto menos os museus e as galerias se submeterem aos propósitos da educação, mais perder-se-ão como instituições sonolentas e inúteis. (COLE, 1853 *apud* BARBOSA, 1997, p. 115)

Nos Estados Unidos, a inserção da arte-educação no museu aconteceu em 1872 no *Metropolitan Museum of Art* de Nova Iorque, levada por Charles, irmão de Henry; e, em 1876, no Museu de Belas-Artes de Boston, mas a apreciação artística e o ensino de arte ainda foram deixados em segundo plano. Somente no século XX, a função educacional foi encarada com a mesma importância que a preservação e a conservação de obras (BARBOSA, 1989; OTT, 1997).

Já no século XX, ainda nos Estados Unidos, Thomas Munro desenvolveu uma metodologia específica de apreciação de arte colocada em prática quando era diretor do *Cleveland Museum of Art*. Ele entende o arte-educador como um catalisador, mediador e professor de arte.

Seu programa de ensino no Cleveland Museum enfatizou a percepção individual dos detalhes, das qualidades sutis, da organização dos elementos e de realização das obras de arte. Ele dava pouca informação histórica a respeito dos objetos de arte, pois considerava que a história da arte era assunto melhor trabalhado fora do museu. O tempo despendido no espaço expositivo seria melhor aproveitado, segundo seu ponto de vista, quando relacionado a um processo imenso de observação individual. (OTT, 1997, p. 116)

A maneira que Munro fazia uso das obras de arte pertencentes ao museu acontecia por meio de um processo pelo qual se olhava para a obra de arte, anotava-se mentalmente e realizava-se um esboço para o uso no ateliê.

No Brasil, propagar a Arte Moderna estava nos objetivos educacionais do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que, na década de 1960, realizava cursos de arte para crianças e adultos, e dos “Domingos da Criação”, que foram atividades realizadas no Parque do Museu envolvendo sua população ocasional (BARBOSA, 1989).

Outro pioneiro no ensino da leitura de obras de arte foi o professor Robert Willian Ott (1997). Para ele,

A arte, ensinada no contexto das coleções dos museus, reflete valores estéticos intrínsecos da obra de arte e as preferências cognitivas dos alunos que estão nesse processo de aprendizagem, mas arte nos museus também reflete as condições culturais da sociedade. A arte proporciona um registro da civilização por meio da abordagem das ideias artísticas essenciais e das expressões que sirvam para celebrar e continuar a refletir a alegria de viver. Aprender a entender as ideias e as aspirações de uma civilização e o reconhecimento das ideias artísticas como das maiores contribuições para sociedade requer uma ativa, e não passiva, atuação em relação à arte. Essa participação ativa está entre as possibilidades de orientação aos alunos durante o ensino de crítica nos museus. (p. 112)

A partir de pesquisas e experimentos com alunos nos mais diversos níveis, Ott (1997) sistematizou o Image Watching. Esse sistema é uma metodologia dinâmica que fornece conceitos para a crítica voltada à produção artística, influenciando a maneira de aprender em arte-educação. É dividido em cinco categorias que permitem formar um método direcionado ao ensino de Artes. São elas: descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando.

Na categoria descrevendo, solicita-se que os alunos observem a obra estudada num primeiro momento. “Em outras palavras, ‘descrevendo’ possibilita que a arte fale primeiro para o indivíduo” (OTT, 1997, p. 128).

Analisando oferece dados para investigar a obra de arte, a maneira como foi executada e o que foi percebido. Para Ott (1997), os elementos de design frequentemente são o ponto de partida de onde se compreende a composição da obra de arte. “Investigar os elementos da composição e formas da obra de arte leva à compreensão básica e à apreciação do artista e de suas habilidades na produção das imagens visuais” (p. 129).

Interpretando é considerada muitas vezes a mais criativa das categorias, e é nela que os arte-educadores encontram possibilidade de estimular habilidades pedagógicas, pois no momento de interpretar são fornecidos dados para respostas individuais dos alunos que participaram da crítica. Assim, essa categoria oferece a oportunidade para que os alunos se expressem como eles se sentem a respeito da obra de arte (OTT, 1997, p. 130).

Fundamentando é um momento em que os alunos interpretam as obras de arte com o conhecimento da história da arte ou da obra.

Revelando é o momento que permite aos alunos mostrarem seu conhecimento da arte por meio da expressão artística.

Uma nova obra é criada pelo aluno. Essa obra tem sido inspirada na compreensão e conhecimento adquiridos no museu, e principalmente por intermédio do que é percebido, compreendido e apreciado no estudo de arte. (OTT, 1997, p. 133)

Para Ott (1997), o ensino no museu pode acontecer tanto em atividades verbais quanto visuais. Isso deve ser responsabilidade de escolha do educador, considerando o que será mais adequado para os alunos. Para tanto, ele recomenda o uso de materiais educativos elaborados pelos próprios espaços como forma de se alcançarem esses objetivos.

Os livros de exercícios elaborados pelos museus favorecem a abordagem visual e são preparados tendo em vista o emprego das categorias de modo mais individualizado, respeitando o ritmo de cada aluno. (OTT, 1997, p. 133)

Materiais e métodos

Com a finalidade de se investigar as ações educativas dos museus, uma pesquisa de campo foi realizada ao longo do ano de 2012, mediante visitas a museus, com o objetivo de se identificarem setores educativos, sua atuação e, principalmente, se eles produziam materiais didáticos para uso nos seus trabalhos de ensino de Artes.

Para tanto, foram realizadas visitas com a finalidade de conhecer *in loco* a realidade de cada museu. Foram estudados 26 espaços em Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Maranhão. Assim, pode-se ter uma visão geral do estado em que se encontram esses espaços no Brasil e de que modo as ações são realizadas.

Tendo em vista que o usual nos museus é que as ações dos espaços se dedicam a realizar vistas guiadas, a produção de materiais frequentemente está limitada para uma determinada exposição. E ainda, muitos desses lugares não arquivam o que foi utilizado. Também, a produção está condicionada à existência de recursos que são levantados por patrocínios para tal. Deste modo algumas exposições possuem materiais educativos e outras não.

Resultados

Os materiais didáticos levantados podem ser compreendidos a partir de seu foco. Nos museus onde existem setores educativos bastante atuantes com diversos projetos em andamento, há uma maior diversidade de materiais construídos com finalidade educativa.

Assim foram encontrados materiais com as mais diversas finalidades, dividindo-se nas seguintes categorias:

- **Introdução ao Museu:** esse tipo material tem como objetivos explicar o que é o museu; para que serve o espaço; as suas diversas finalidades; como visitar o museu, explicando regras de visitação. Ainda são apresentadas sua história e uma descrição do espaço museal. Esse tipo de material é destinado a um público leigo em relação ao museu, portanto o material funciona como uma explicação sobre o lugar visitado.
- **Apresentar uma exposição específica:** esse tipo de material serve para mostrar um artista ou artistas, suas obras, seus temas, fases ou períodos e sua biografia. Também pode referir-se a um período da história da arte, ou sobre uma temática elaborada pela curadoria na exposição. Diferentemente do material que fala sobre o museu, esse tem um “período de validade”, que é a duração da exposição a que se refere.
- **Materiais para arte-educadores:** esses materiais têm como objetivo subsidiar o professor em suas atividades tanto dentro quanto, principalmente, fora do museu. Tendo em vista que frequentemente não é possível levar um grupo de estudantes a esses espaços, esse tipo de artefato serve como uma extensão do museu na sala de aula, levando informações sobre obras, exposições, espaço. E ainda servem como recurso didático para uso em sala de aula, propondo atividades a serem realizadas com os estudantes.
- Existe ainda uma quarta categoria de materiais oferecidos pelo museu. Esses são os **materiais informativos**. Apesar de conterem informações valiosas para a compreensão das obras, exposições e do museu, sua finalidade principal é uma comunicação rápida com o público, sanando

algumas questões mais imediatas e dúvidas. Normalmente apresentam-se na forma de *flyers*, pôlderes, filipetas etc.

Considerações

Com isso compreende-se que os materiais didáticos oferecidos por esses espaços, além de educar o visitante e desmistificar o museu e suas obras, vai além ao romper as fronteiras do lugar, pois podem ser utilizados em salas de aula nas escolas, tanto quanto servem para divulgar suas atividades em outros lugares.

Desta forma o material didático também atua como um elemento mediador das obras e do espaço, pois tem como foco diversos tipos de pessoas e grupos, auxiliando a ação educativa e a curadoria a interpretar e a oferecer possibilidades de construção de seu próprio caminho interpretativo.

Ao oferecer o material educativo, o museu dá a oportunidade de que seu frequentador o utilize de acordo com seu ritmo, podendo avançar na compreensão da exposição ou espaço de acordo com seu interesse, tornando assim a aprendizagem mais individual do que numa visita guiada. E também contribui para a formação de novos públicos, pois aproxima de uma outra abordagem.

Abstract: In order to make the museum closest society, Educational Actions has created and used educational materials in their own activities. This article were researched various educational materials seeking to understand their purpose. Thus, it was discovered that they have been used in three ways: to explain the museum, to clarify and exhibits for use outside the museum. Therefore achieving fulfill its educational function and approximate audience.

Keywords: Museums. Educational activities and learning materials.

Referências

ANTOLINO, Alik Santos. *Arte-educação no museu: um estudo dos setores educativos da Pinacoteca e do Museu de Arte Moderna de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Unicamp, Campinas, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação em museu de arte. *Revista USP*. São Paulo Jun./jul./ago.1989.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação: leituras no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A (Org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte*. São Paulo: EDUSP, 2007.

CHAGAS, Mário. Museus de Ciência: assim é se lhe parece. In: *Caderno do Museu da Vida: o formal e o não-formal na dimensão educativa do museu*. Rio de Janeiro, 2002.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

MENSCH, Peter van. *Towards a methology of museology*. University of Zagreb, 1992.

OTT, Robert Wilian. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação: leituras no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.

SEGALL, Maurício. *Controvérsias e dissonâncias*. São Paulo: EDUSP, 2001.

SILVA, Margarida Brandina Pantaleão da. *Ação pedagógica: uma questão a ser (re)pensada nos museus de arte*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, 2003.

SILVA, C. R. V. *Políticas públicas de acesso às artes visuais em Curitiba: ações educativas do Museu Oscar Niemeyer para escolas da educação básica*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR, Curitiba, 2008.

THISTLEWOOD, David. Estudos críticos: o museu de arte contemporânea e a relevância social. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

Texto científico recebido em: 03/03/2015

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/05/2015

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais – Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.